

## **Da Vocação à Missão: A Trajetória de Carreira de Freiras**

### **Autoria**

Luanda Camila dos Santos Barné Ganeo  
Administração/Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

### **Resumo**

O conceito de carreira é comumente associado à ideia de uma sucessão de cargos dentro de uma estrutura organizacional, o que configura uma carreira objetiva. No entanto, o conceito de carreira subjetiva demonstra que a carreira pode estar relacionada à sucessão de papéis que o indivíduo assume ao longo de sua trajetória e ao sentido atribuído a esse caminho percorrido. As discussões mais recentes sobre carreira destacam a necessidade de reconhecimento de que as dimensões objetiva e subjetiva da carreira podem conviver de modo mútuo. Dentro desta discussão, o presente trabalho busca verificar a compreensão do conceito de carreira na trajetória de freiras pertencentes à Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, para isso foram abordadas sua formação, o entendimento de sua identidade, as formas como seu trabalho é realizado e seu entendimento de carreira. Os resultados apontam que as freiras podem ocupar diferentes funções e possuem uma trajetória dinâmica e flexível, com o entendimento de vivência de uma vocação, a partir da qual existem realização e sentido em sua trajetória e nos trabalhos realizados, o que aponta para o entendimento de uma carreira subjetiva associada à sua trajetória.

Palavras-chave: carreira, trajetória, freiras.

ÁREA: GESTÃO DE PESSOAS

**DA VOCAÇÃO À MISSÃO: A TRAJETÓRIA DE CARREIRA DE FREIRAS**

## Resumo

O conceito de carreira é comumente associado à ideia de uma sucessão de cargos dentro de uma estrutura organizacional, o que configura uma carreira objetiva. No entanto, o conceito de carreira subjetiva demonstra que a carreira pode estar relacionada à sucessão de papéis que o indivíduo assume ao longo de sua trajetória e ao sentido atribuído a esse caminho percorrido. As discussões mais recentes sobre carreira destacam a necessidade de reconhecimento de que as dimensões objetiva e subjetiva da carreira podem conviver de modo mútuo. Dentro desta discussão, o presente trabalho busca verificar a compreensão do conceito de carreira na trajetória de freiras pertencentes à Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, para isso foram abordadas sua formação, o entendimento de sua identidade, as formas como seu trabalho é realizado e seu entendimento de carreira. Os resultados apontam que as freiras podem ocupar diferentes funções e possuem uma trajetória dinâmica e flexível, com o entendimento de vivência de uma vocação, a partir da qual existem realização e sentido em sua trajetória e nos trabalhos realizados, o que aponta para o entendimento de uma carreira subjetiva associada à sua trajetória.

Palavras-chave: carreira, trajetória, freiras.

## 1. INTRODUÇÃO

O conceito de carreira é tradicionalmente associado a uma trajetória dentro de uma estrutura organizacional (RIBEIRO, 2009), no entanto, a discussão sobre carreira se ampliou a partir da década de 1980 com as novas dinâmicas de mercado (FERREIRA; DUTRA, 2013). O conceito deixou de ser restrito à organização e a carreira subjetiva passou a ser considerada (HUGHES, 1937). Assim, a carreira deixa de ser vista apenas como uma sequência de funções dentro da organização para envolver a trajetória das pessoas e sua interação com o mundo e uma série de conceitos de carreira puderam se desenvolver, como a carreira sem fronteiras, que contempla sequências de oportunidades fora da organização (DEFILLIPI; ARTHUR, 1994), e carreira de Proteu na qual é o indivíduo que autodetermina sua carreira com base em seus valores e sucesso psicológico (HALL, 2004).

Os autores sugerem que um dos desafios sobre a discussão de carreira atualmente é conciliar as dinâmicas objetivas e subjetivas das carreiras que convivem mutuamente (FERREIRA; DUTRA, 2013), por isso o debate atual sobre carreira se encontra na relação entre as carreiras subjetivas e objetivas entre si (HALL; CHANDLER, 2005) e a carreira psicossocial se apresenta como uma forma de relacionar as interações entre a pessoa e o mundo sem negar as estruturas, dessa forma a carreira seria uma construção dialética contínua entre o indivíduo e o social com sínteses temporárias. (RIBEIRO, 2009).

Diante dessa evolução do conceito de carreira, o presente trabalho busca verificar se a noção de carreira pode se estender para a trajetória de freiras, identificando a partir dos discursos de freiras pertencentes à Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, quais fatores levaram à escolha da vida religiosa, quais os trabalhos realizados por essas mulheres e o sentido atribuído às suas trajetórias, buscando identificar se há o entendimento de carreira.

As freiras são mulheres que livremente escolhem a vida consagrada como forma de realização, o que geralmente se relaciona com o entendimento de uma vocação a ser realizada e um chamado de Deus (KEOHANE; BALFE, 2017). As freiras em uma visão mais tradicional são vistas como mulheres abnegadas, que vivem dentro de instituições fechadas e regradas que moldam sua identidade para buscar a santidade, a obediência e a subordinação (GROSSI, 1990; BROCK, 2010). Porém, após o Concílio Vaticano II, houve uma adaptação dos institutos de vida consagrada e a maneira como as freiras realizam seus trabalhos também se modificou, podendo-se dizer que as freiras são mulheres independentes, estudadas e fortes (CLARK, 2013). As freiras exercem diversas ocupações dentro da sociedade e de suas congregações, havendo hierarquias de funções e também diferentes possibilidades de ocupações (GROSSI, 1990), e nem sempre compactuam com a visão de uma mulher resignada, atuando nos mais diversos âmbitos da vida social e da Igreja (BROCK, 2010; CLARK, 2013).

A presente pesquisa pretende verificar a compreensão de carreira na trajetória de freiras, identificando as atividades realizadas e o sentido que esse trabalho adquire na vida religiosa. Portanto, a discussão torna-se relevante diante da carência de estudos na literatura nacional sobre as freiras e suas ocupações na vida social contemporânea, bem como diante da emergência das discussões sobre a ampliação do conceito de carreira e suas formas de interação objetiva e subjetiva. Desta forma, a aproximação entre a vida religiosa feminina e o conceito de carreira é um tema ainda pouco explorado na literatura que pode levar a uma ampliação de

entendimento tanto da trajetória e do trabalho dessas mulheres quanto da noção de carreira.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### Carreira

De acordo com Ribeiro (2009) a noção de carreira foi tradicionalmente associada a organizações e ao modelo taylorista, sendo definida como carreira organizacional e constituída de uma sequência de funções. Desta forma, a carreira só existia dentro das organizações e as trajetórias de trabalho fora das organizações era consideradas como não-carreiras. Com a flexibilização do trabalho no século XX, o ambiente se tornou mais instável, diferente do contexto previsível no qual as carreiras organizacionais se consolidaram. Por isso, o conceito de carreira adquiriu um alcance mais amplo e novas formas de carreira começaram a surgir, como a carreira sem fronteira, a carreira de Proteu, a carreira multidirecional, e a carreira psicossocial. Também Ferreira e Dutra (2013) apontam que à partir da década de 1980 a discussão sobre carreira foi retomada diante das novas organizações que surgiram entre os séculos XIX e XX.

Para Hughes (1937), uma carreira é a sequência de papéis e de status de cargos, que podem ser mais bem definidos ou permitir certa escolha, de acordo com a estrutura social. Porém, a despeito da noção geral de carreira burocrática, atrelada a noção de emprego e à uma estrutura organizacional, na qual as etapas de avanço são rigidamente definidas pela hierarquia, a carreira não se resume somente em séries de realizações profissionais. Segundo o autor, algumas pessoas podem ter carreira em organizações patrióticas, religiosas ou cívicas, sendo possível ter carreira em uma ocupação e também em uma vocação.

De acordo com Hall e Chandler (2005) a grande contribuição de Hughes foi identificar duas visões diferentes de carreira, não somente a visão objetiva, mas também a subjetiva. Esses autores buscaram trabalhar com um aspecto característico da carreira subjetiva, quando a pessoa tem um sentimento de vocação com sua carreira, ou seja, um sentimento de chamado e de propósito. Para isso, os autores assumiram chamado como um trabalho no qual o indivíduo entende um propósito de vida.

Para falar sobre a carreira sem fronteiras, Defillippi e Arthur (1994) defendem que os caminhos de carreira podem acontecer em sequências de oportunidades fora da organização, fugindo do padrão do emprego único e da dependência organizacional, e esses caminhos são definidos como carreira sem fronteira, nos quais as pessoas buscam oportunidades de carreira fora de sua configuração tradicional e isso possibilita a aquisição de habilidades.

Conforme Sullivan e Arthur (2006), alguns autores enfatizaram apenas mudanças físicas e de dimensão objetiva envolvendo carreira sem fronteiras, desconsiderando mudanças psicológicas, de dimensão subjetiva, que estariam vinculadas à carreira de Proteu. Este posicionamento também desconsidera a interdependência entre essas duas mobilidades. Segundo os autores, isso dificulta a compreensão da versatilidade da carreira sem fronteiras que pode ser olhada sob a ótica da mobilidade física e psicológica, que se combinam em diferentes níveis, envolvendo tanto movimentos geográficos, de ocupações, mudanças de empregos, como movimentos dentro da mente indivíduo acerca de benefícios psicológicos, expectativas, crescimento pessoal e experiências.

Acerca da carreira Proteana, Hall (2004) diz que ela está baseada na autodeterminação e no sucesso psicológico, ou seja, na carreira proteana é o próprio indivíduo, e não a organização, que determina sua carreira, com base em valores pessoais de crescimento e liberdade, havendo alta mobilidade do indivíduo em transformar sua carreira e o sucesso está associado a fatores psicológicos e satisfação subjetiva.

Desta forma, Ribeiro (2009) identifica três modelos de análise de carreira: individual, institucional e contextual. A dimensão individual tem como fundamento os valores pessoais e a personalidade do indivíduo, buscando um ajustamento de vocação com o desempenho de ocupações. O aspecto institucional tem como fundamento a estrutura definida na organização, e o contextual se relaciona com o desempenho de diferentes papéis ao longo da vida em uma construção psicossocial.

Para Ribeiro (2013), na contemporaneidade convivem as formas tradicionais de carreira organizacional de dimensão objetiva com as abordagens de carreira com dimensão subjetiva. A dimensão objetiva é focada nos planos de carreira das organizações e na progressão do indivíduo dentro de uma empresa, enquanto a dimensão subjetiva está relacionada à trajetória psicológica do indivíduo e seu desenvolvimento vocacional. Para o autor, buscou-se articulações entre as dimensões objetivas e subjetivas de carreira com novas formas de carreira contemporâneas.

O grande desafio atual para o debate de carreira seria conceber carreira como algo que envolva tanto a mudança quanto a permanência, preservando a transformação e também a essência. (RIBEIRO, 2009). Também para Hall e Chandler (2005), o debate atual sobre a temática se expandiu para as relações das carreiras objetivas e subjetivas entre si. Isto também é dito por Ferreira e Dutra (2013), que sugerem que as discussões sobre carreira tendem a se polarizar entre carreira subjetiva, que tem foco na pessoa e na sua autonomia sobre suas decisões, e carreira objetiva, que focaliza as políticas organizacionais, havendo, porém, uma necessidade de uma visão de carreira que contemple o indivíduo e também o contexto considerando suas influências mutuamente.

Para Ribeiro (2009) à partir de uma construção psicossocial é possível relacionar interações entre a pessoa e o mundo sem negar estruturas. Segundo o autor, nas carreiras psicossociais trabalha-se com construções contínuas que formam sínteses temporárias. A carreira psicossocial difere da carreira organizacional na qual as pessoas se adaptam a predefinições coletivas, pois a carreira seria vinculada relações construídas nas práticas cotidianas, e as pessoas seriam sujeitos construindo trajetórias no mundo do trabalho. Desta forma, a carreira passa a ser vista como um processo dialético entre indivíduo e social e não como um produto, e dessa forma as dimensões de mudança e de estabilidade se relacionam.

Diante desta evolução do conceito de carreira, partindo de uma concepção tradicional vinculada à estrutura organizacional para uma visão mais ampla que contempla também a dimensão subjetiva do indivíduo e seus valores, construções e relações, o presente trabalho busca estender a discussão de carreira para a realidade das freiras, pelo entendimento do contexto dessas mulheres e o seu trabalho vinculado à vocação religiosa.

## Freiras

As freiras podem ser consideradas como mulheres, que assumindo uma vocação religiosa feminina, optaram por seguir uma vida consagrada dentro da Igreja Católica. Segundo o Catecismo da Igreja Católica (cap.III, art. 9), a vida consagrada é um estado de vida estável e reconhecido de profissão dos conselhos evangélicos de obediência, pobreza e castidade, que se relaciona com a vida e santidade da Igreja através de uma consagração mais íntima. Já a vida religiosa é um tipo particular de vida consagrada que se diferencia por características como a profissão pública dos votos, uma vida fraterna comum, e um aspecto cultural.

De acordo com o Código de Direito Canônico (Cân 573) a forma de vida dos institutos de vida consagrada é assumida de forma livre pelos fiéis que professam os conselhos evangélicos de obediência, pobreza e castidade conforme as leis do próprio instituto se unindo de forma especial à Igreja. E, segundo o Cân. 574, alguns fiéis são chamados por Deus de forma especial para gozar de um dom particular na vida da Igreja. Disto, pode-se falar sobre o reconhecimento da vocação religiosa como um chamado de Deus.

O trabalho de Keohane e Balfe (2017) diz que a vida humana se diferencia da vida animal por ser uma vida conduzida não somente por fatores biológicos e instintivos, mas também pelo seguimento de causas e chamados que dão sentido à vida. Os autores sugerem que as freiras podem ter uma proteção adicional contra a demência e Alzheimer por possuírem uma qualidade de vocação que dá significado à sua vida e mantém suas mentes orientadas para ideais e conceitos elevados de verdade, justiça, beleza, amor, dentre outros, além da orientação vocacional poder acelerar fatores de proteção associados com a reserva ativa do cérebro com relação a ocupação e educação.

Grossi (1990), em seu estudo sobre a ida das mulheres do campo para os conventos, identificou que essa motivação poderia estar vinculada com os projetos familiar, individual e da Igreja. Com relação ao projeto familiar, a escolha poderia se relacionar com o desejo de escape do casamento, da vida camponesa ou da divisão de terras. Assim, haveria uma perda de mão de obra rural e doméstica no núcleo familiar e também do capital social da família, compensadas pelo ganho de um capital simbólico adquirido pelo status de freira. No âmbito individual, a vida de freira, vista como uma vida de aventuras e viagens, seria vista como uma forma de realização pessoal, liberdade e elevação social. No que tange ao aspecto da Igreja, a vida religiosa feminina seria também uma construção social da Igreja através do acompanhamento de religiosos que condicionam os aspirantes.

Para Goffman (1974), os conventos, assim como os manicômios e as prisões são instituições totais. A instituição total, segundo o autor, é um lugar de trabalho e de residência no qual indivíduos semelhantes e separados da sociedade geral, levam uma vida fechada e regrada. Os conventos seriam instituições totais para refúgio do mundo, servindo também para instrução de religiosos. Também Grossi (1990) contribui dizendo que a congregação pode ser vista como uma instituição total que busca aniquilar o desejo individual de modo a reforçar os interesses do grupo e a construção de uma identidade única.

Dentro destas instituições seria possível falar em carreira moral como uma sequência de transformações do eu que o indivíduo sofre, pois, para Goffman (1974), o termo carreira pode ser usado em sentido mais amplo, indicando a trajetória que uma pessoa percorre durante a vida, sendo um conceito ambivalente, com aspectos íntimos e a posição oficial, trafegando entre o eu e a sociedade.

Neste sentido podemos falar as transformações sofridas dentro do convento. Segundo Grossi (1990), na ida para o convento, as mulheres sofrem um processo de ruptura com a família de origem e inserção em uma nova família de mulheres, passando por três etapas de formação, votos perpétuos e aposentadoria. Na primeira etapa, a jovem é preparada para desfazer a antiga identidade e assumir a identidade de freira. Em um segundo momento, vivencia a prática de todo aprendizado, cumprindo os votos de obediência, pobreza e castidade na busca da santidade e sujeição à hierarquia.

Com relação ao trabalho, para Grossi (1990) este tem um papel importante na definição da identidade das freiras, e ocorre com uma articulação constante entre o universo sagrado e a realização de atividades seculares, e as principais ocupações profissionais das freiras eram em atividades domésticas, de ensino e de enfermagem. Acerca da hierarquia, com os votos perpétuos, todas as irmãs se equiparam na hierarquia, mas existem diferentes cargos, como os de chefia, e de madre, que é o mais elevado, assumido pela integrante de maior qualificação intelectual. O poder da madre, no entanto, é limitado pelo padre responsável pela congregação. A hierarquia do convento fundamenta-se no modelo familiar onde a relação madre-irmã é proporcional ao relacionamento de mãe-filha (GROSSI, 1990).

Considerando o trabalho de Clark (2013), é possível perceber que a maneira como as freiras realizam seus trabalhos e vivem nas instituições religiosas sofreu importantes transformações depois do Concílio Vaticano II. De acordo com a autora, a vida das freiras se dava em um ambiente restrito até para visitas a familiares, com a execução de ocupações nas áreas de educação e saúde, porém, na elaboração do Concílio Vaticano II, as mulheres puderam participar mais ativamente e tiveram sua vida religiosa impactada de maneira especial pelo documento *Perfectae Caritatis* do Concílio Vaticano II.

O decreto dispõe sobre a conveniente renovação da vida religiosa. Segundo o documento, essa renovação compreende um regresso às origens do cristianismo e uma adaptação dos institutos aos novos tempos. Essa adaptação, deve ocorrer preservando a essência de cada instituto e trabalhando para o conhecimento das condições atuais dos tempos e dos homens, para assim, avaliar as circunstâncias atuais através da fé e ir ao encontro dos homens e das necessidades de nosso tempo com renovação espiritual. Uma disposição que explicita essa mudança diz respeito ao próprio hábito religioso feminino e masculino, o documento dispõe que este deve ser simples e modesto, adaptado às necessidades do trabalho, e também às condições de tempo e de lugar (VATICANO, 1965).

Segundo Clark (2013), após esse concílio, as freiras passaram a atuar em diferentes necessidades contemporâneas na Austrália. Atualmente as freiras exercem funções de capelães em prisões, atuam contra o tráfico sexual de mulheres, ajudam desabrigados, ensinam em universidades, atuam como advogadas canônicas, dentre outras atividades. Para a autora, é possível traduzir as freiras do século XXI como “mulheres fortes, independentes, profundamente espiritualizadas e altamente educadas” (CLARK, 2013).

Esta discussão da imagem das freiras também é pertinente no trabalho de Brock (2010) que diz que a identidade da freira é constituída por uma instituição patriarcal que tem uma construção discursiva da freira como mulher abnegada. Em seu estudo com documentos da Igreja, observou que em seus textos, a Igreja reforça uma ideia de que a escolha da freira é uma resposta a um chamado de Deus, e de que o auto-sacrifício pela Igreja é um ato heróico intrínseco à missão das mulheres religiosas.



No discurso de freiras neozelandesas e australianas, a autora percebeu, certa resistência à figura abnegada e à sujeição a determinados posicionamentos da instituição sobre suas vidas, assim as freiras buscavam criar formas de exercer sua liberdade e autonomia sobre sua vida de trabalho. Desta forma, para o Brock (2010), as freiras são mulheres que negociam suas vidas em um contexto de dominação e autoridade masculinas, e embora não possam ocupar as mesmas funções que os homens, buscam exercer autonomia sobre sua vida e seu trabalho, reivindicando uma identidade além da construção dominante da Igreja.

Brock (2010) também apontou que no discurso da Igreja há a visão de que a freira será fértil espiritualmente, e através de seu espírito abnegado a Igreja será frutífera. Isso poderia se relacionar com o trabalho de Trzebiatowska (2013), sobre como a consagração religiosa pode levar a uma diferente interpretação da feminilidade.

De acordo com Trzebiatowska (2013), no caso de freiras polonesas, não foi evidenciada nenhuma postura de afirmação ou de rejeição aos padrões discursivos de feminilidade presentes no país, mas foi evidenciada possibilidade de uma transformação reflexiva desses padrões, através de uma expressão diferente de feminilidade. Segundo a autora, a vida consagrada feminina é vista como um casamento simbólico com Cristo e a noção de maternidade é adaptada a esse tipo de vida, sendo concebida como uma maternidade espiritual de um grande número de filhos espirituais.

Atualmente, de acordo com informações do Vaticano, o número de religiosas professas no mundo supera em 61% o número de padres, mas sofreu uma queda de 7,1 pontos percentuais nos últimos anos, passando de 721.935 religiosas em 2010 para 670.320 em 2015. Avaliando geograficamente, na América do Sul e Central a diminuição foi de 1,7% a cada ano no mesmo período, em contrapartida a África e o sudeste asiático apresentaram aumento do número de religiosas. (RÁDIO VATICANO, 2017). Também Pires (2014) aponta que as instituições religiosas têm passado por uma crise de vocações religiosas femininas, que pode estar relacionada com a dificuldade de atrair mulheres das novas gerações, e que impacta nos trabalhos religiosos prestados à comunidade.

O presente trabalho tem como amostra de estudo freiras pertencentes à Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria. De acordo com Pedroso (2008), esta congregação foi fundada na cidade de Piracicaba em 1900 por Madre Cecília e Frei Luiz Maria de São Thiago. A congregação obteve aprovação definitiva do Papa Pio XII em 1956 e possui diversas casas e trabalhos sociais em diferentes cidades e Estados. Com o apoio dos capuchinhos, a primeira casa da congregação foi o asilo Coração de Maria, Nossa Mãe destinado a abrigar meninas órfãs e pobres. Essa casa existe até hoje em Piracicaba e é o local de residência das irmãs entrevistadas no presente trabalho.

A vida da idealizadora Madre Cecília inspira a identidade da congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria e de suas freiras até hoje, com foco na devoção mariana e no serviço aos mais necessitados, pobres, crianças, jovens, idosos e doentes. Madre Cecília nasceu em Piracicaba em 1852, e depois de viúva, foi fundadora e irmã da congregação até sua morte em 1950. Teve seu processo de canonização e beatificação aberto em 1992, o qual recebeu aval de continuidade pelo Vaticano em 1998 e está em análise até hoje (Radio Vaticano, 2016).

### 3. METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta-se como uma pesquisa qualitativa descritiva. De acordo com Creswell (2007) a pesquisa qualitativa é realizada em cenários naturais permitindo que o pesquisador tenha um nível maior de detalhamento do objeto de estudo. Também Richardson (2012) diz que a pesquisa qualitativa é uma tentativa de compreender a natureza de um fenômeno social, por meio do detalhamento de seus significados e entendimento das características situacionais. O que se aplica na tentativa desta pesquisa de compreender o trabalho das freiras em suas características e significados.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi estruturadas, que segundo Creswell (2007) permite maior contato com o entrevistado para extrair deles suas visões e opiniões. O roteiro semi estruturado também permite extrair informações adicionais dos entrevistados, o que possibilitou obter a visão das freiras sobre as temáticas levantadas com a possibilidade de maior aprofundamento de algumas questões. O método de análise realizado foi a análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (1977), configura uma técnica investigativa a partir de descrições objetivas e sistemáticas do conteúdo de comunicações a fim de interpretá-las, enriquecendo a tentativa exploratória. Dentro deste contexto é possível realizar a análise categorial, que pretende abranger a totalidade pela avaliação de classificações dos elementos de significação da mensagem. Nesta pesquisa foi realizada uma divisão da análise em quatro categorias, a citar: formação, identidade, trabalho e carreira. Essas categorias exploram o processo de escolha pela vida religiosa até a realização dos votos, o entendimento do que é ser freira, a descrição do trabalho realizado pelas freiras e suas características e o entendimento de carreira para as religiosas.

Os sujeitos de pesquisa deste trabalho foram irmãs consagradas da Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, escolhidas por conveniência para realização de entrevistas presenciais no Lar Escola Coração de Maria Nossa Mãe em Piracicaba-SP. As entrevistas foram gravadas com consentimento dos sujeitos, totalizando pouco mais de cinco horas de gravação com seis entrevistadas. A idade média das entrevistadas é de 66 anos e o tempo médio em que elas são freiras consagradas é de 41 anos. A maioria reside em Piracicaba-SP, com exceção de duas entrevistadas residentes em outras casas da congregação, uma em Bandeirantes e outra em Mopeia, na província da Zambézia em Moçambique. Elas são originais de diferentes estados, sendo duas do Rio Grande do Sul, duas de São Paulo, uma do Amazonas e uma da Bahia. Com relação à escolaridade, todas possuem ensino médio completo, duas delas possuem ensino superior completo na área de pedagogia, sendo uma delas com especialização em administração escolar, e outra entrevistada possui curso de auxiliar de enfermagem.

### 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### **Categoria 1: Formação**

O processo até se tornar uma freira passa pela etapa de decisão no âmbito particular e por uma sequência longa de etapas definidas pela congregação até realizar os votos perpétuos que configuram a mulher como uma freira consagrada. O processo de formação tem grande influência para construção da identidade da freira

e sua forma de compreender sua trajetória. A maioria das entrevistadas ingressou no processo de formação ainda jovem, entre quatorze e dezoito anos, e antes de ingressarem para o convento relataram poucas experiências com o mercado de trabalho, com uma rotina de estudos e convívio com a família, bem como contato frequente com atividades religiosas e grupos de igreja.

Dentre os motivos que as levaram a optar por seguir a vida religiosa, todas elas relataram em suas trajetórias ter a vocação despertada por algum contato ou conhecimento de outros religiosos ou religiosas e à partir dessa experiência sentir um encantamento e uma motivação para serem iguais e também seguirem a vida religiosa, e essa motivação é associada à ideia de uma vocação. Uma das irmãs ainda relatou que essa motivação também estava associada com um desejo de liberdade, o que foi abordado por Grossi (1990) no âmbito individual da motivação para a vida religiosa como uma realização pessoal e uma forma de liberdade.

*“era uma alegria naquela sala delas, aquilo encantava, daí parece que na minha cabeça falava “você vai ser freira também, você vai” (E1)*

*“[...] eu acho que eu quis um pouco fugir de casa né, eu falava assim ‘não, se eu entrar mesmo em um convento, sei lá, eu acho que eu vou ser livre (entre aspas) pra fazer o que eu desejo, que é tá pro mundo, a serviço do mundo” (E3)*

Sobre o processo para se tornar uma freira, as entrevistadas relataram o seguinte processo: quando a jovem decide ir para o convento existe, inicialmente, um acompanhamento da jovem junto com a família até o ingresso na congregação. Dentro da congregação, a primeira etapa é chamada de “aspirantado”, com duração de seis meses a um ano e consiste em realizar uma experiência e observar a vida das freiras, sem grandes compromissos a fim de conhecer a vida religiosa. A segunda etapa é o “postulantado”, que tem duração de dois anos, convivendo e trabalhando junto com as irmãs. Esta etapa significa um pedido da jovem para entrar na congregação e por isso é mais exigente, contemplando estudos e acompanhamento. A etapa seguinte é o “noviciado” que tem duração de dois anos, e é uma etapa de fortalecimento do chamado, na qual a jovem trabalha junto com as irmãs e experimenta a vivência real da fraternidade. Existe também nesse estágio da formação o chamado “ano canônico” que é a etapa mais reclusa do processo, na qual a jovem tem saídas restritas e realiza estudos profundos sobre a congregação.

Depois da fase do noviciado acontecem os primeiros votos e a jovem fica como juniorista durante cinco anos, durante os quais acontece renovação anual dos votos temporários, até no final do quinto ano realizar os votos perpétuos e se tornar uma freira consagrada. Portanto, durante o processo de formação a jovem é aspirante, postulante, noviça, juniorista e, por fim, uma freira consagrada. Neste sentido é possível observar o processo descrito por Grossi (1990) da ruptura com a família de origem para passar por um processo de formação e votos perpétuos. Pode-se ainda observar características da instituição total de Goffman (1974) que levam a uma carreira moral de transformação da identidade do indivíduo para construção de uma identidade moldada aos interesses do grupo.

## **Categoria 2: Identidade**

Para compreender o sentido atribuído ao trabalho da freira, se torna importante entender o que é uma freira. Com relação ao que é ser freira, a maioria das respostas trouxeram a noção de que a freira é uma pessoa que recebeu um chamado e faz a opção por acolher essa vocação e servir aos irmãos e a igreja de forma livre, o que vem de encontro com a definição do Direito Canônico (Cân 573) de que o religioso recebeu um chamado especial, e também com o trabalho de Brock (2010) que mostra que a Igreja reforça uma ideia de que a escolha da freira é uma resposta a um chamado de Deus. As entrevistadas demonstraram ainda que uma freira deve ser uma pessoa capaz de conviver em fraternidade, possuir equilíbrio, e que não precisa ter uma identidade padronizada e sempre correta.

*“eu sempre penso que uma religiosa é alguém que foi chamado por Deus, uma pessoa que foi chamada por Deus”  
(E5)*

Com relação à percepção das pessoas externas, as entrevistadas relataram que as pessoas esperam que as freiras sejam sempre pessoas de paz, corretas e mansas, porém, para as participantes essa visão é idealizada, pois elas se reconhecem como pessoas humanas que passam por dificuldades como qualquer outro indivíduo, inclusive com conflitos interpessoais na vida fraternal da congregação. Isto concorda com o trabalho de Brock (2010) que demonstra uma resistência à ideia da freira como uma mulher abnegada. Outra visão também percebida pelas entrevistadas foi de grande respeito, reconhecendo nelas um sinal de esperança, de apoio e de iluminação, além da visão negativa de que a freira é uma pessoa frustrada amorosamente ou rigidamente rigorosa.

*“eu acho que elas pensam que a gente é muito...como dizem, entre aspas, certinha... eu acho assim... que a gente sabe de tudo... é... que a gente não é errada, e se elas verem a gente brigando elas vão tomar um susto achando que a gente não faz isso” (E3)*

Foi levantada a questão do hábito, pois atualmente, segundo recomendações da própria congregação, as irmãs podem escolher usar o traje civil, e possuem um hábito geralmente usado em ocasiões especiais e festas. Isto vem de encontro com as mudanças propostas pelo Vaticano (1965) no Concílio Vaticano II dispendo que o traje religioso deveria concordar com as condições de tempo e lugar. Porém, no relato de algumas irmãs foi possível perceber que o uso do hábito toma um significado especial no reconhecimento como religiosa.

*“Então eu percebo isso, quando eu tô de hábito é um jeito que o povo me trata, quando eu tô sem é de outro jeito”(E6)*

## **Categoria 3: Trabalho**

Enquanto freiras, as religiosas podem assumir diferentes funções durante a sua trajetória. As freiras podem assumir qualquer função e realizar qualquer atividade desde que possua capacidade, haja possibilidade, e seja coerente com suas obrigações enquanto freira. Desta forma, a irmã pode assumir atividades

profissionais fora da congregação, atuando como uma profissional registrada, porém, sem deixar de cumprir suas rotinas de oração e vivência na fraternidade e seu serviço com a congregação. Com relação à remuneração, por ocasião dos votos de pobreza e da vida fraterna, toda remuneração recebida pelas irmãs vai para um caixa comum da congregação que é gerenciado para manutenção da casa, das obras e das necessidades das próprias freiras.

*“por exemplo, a irmã é registrada também como psicóloga, ela ganha como psicóloga, ela tem um tempo que ela se dedica lá... por exemplo, se fosse uma irmã enfermeira ela vai na Santa Casa e trabalha lá como qualquer funcionário, mas em casa ela faz isso, faz aquilo, tem vida religiosa, limpa a casa, faz almoço, faz tudo...” (E5)*

Com relação à fase de aposentadoria, as entrevistadas relataram que esta só existe na vida religiosa se a irmã desenvolve um trabalho como profissional que possa adquirir aposentadoria, pois o papel de freira é vitalício, e a freira exerce sua função como religiosa até o fim da vida, contrariando o que diz Grossi (1990) quando fala que dentre as três etapas que a freira passa está a aposentadoria, ao lado da formação e dos votos perpétuos.

Acerca de quais atividades uma freira pode realizar, as respostas foram diversas para os papéis que a freira pode assumir, a citar: professora, advogada, psicóloga, médica, fisioterapeuta, enfermeira, dentista, secretária, assistente social, diretora de escola, cozinheira, costureira, bordadeira, bailarina, pianista, motorista, missionária, palestrante, catequista, ministra da eucaristia, empregada doméstica. O que demonstra que a freira pode assumir diversas funções nos mais variados segmentos de atuação conforme trabalho de Clark (2013), que diz que após o concílio, as freiras passaram a atuar em diferentes necessidades contemporâneas. Também concorda com o trabalho de Grossi (1990) quando aponta que o trabalho da freira articula o universo sagrado com atividades seculares, porém, apresenta diferentes segmentos de ocupações daqueles apresentados como principais: atividades domésticas, de ensino e de enfermagem.

O trabalho da freira também está constantemente associado a uma necessidade da congregação. As freiras fazem aquilo que precisa ser feito de acordo com as orientações da congregação e das superiores. Existem funções específicas que podem ser desempenhadas, no caso da congregação estudada, os trabalhos são mais voltados para as áreas educacionais, uma vez que a instituição possui escolas e creches, mas também existe uma gama de atividades que são realizadas conforme surge necessidade e para manutenção da casa, como as atividades domésticas.

A coordenação dessas atividades é realizada pelas superiores, ou também chamadas de ministras, pois existe uma hierarquia de funções dentro da congregação. Existe a superiora geral e um conselho ou governo geral responsável por toda congregação; uma superiora provincial, responsável por certo número de casas; e a superiora da fraternidade (ou superiora local), responsável por uma única fraternidade. As funções hierárquicas, no entanto, também são assumidas conforme necessidade, mediante votação e de forma temporária, não existindo uma noção de ascensão de cargo dentro da congregação, pois a mesma irmã que assumiu a função de superiora geral pode voltar a assumir qualquer função diante da orientação da congregação, o que contraria a ideia de carreira objetiva em que

existe uma sequência de etapas de avanço dentro da estrutura hierárquica de uma organização (HUGHES, 1937). Também não existe entre as irmãs o entendimento de superioridade entre as freiras superiores, apenas o entendimento de um papel de responsabilidade.

*“não tem assim ‘eu sou local, depois eu sou geral, depois eu vou ficar não sei o que’... não, não tem nada disso, não tem graus assim, não (E2)*

Quando questionadas sobre sua liberdade para a escolha das atividades, as entrevistadas afirmaram ter liberdade para opinar sobre suas atividades e expressar seus desejos de atuação mediante conversa com as superiores. Porém, todas também afirmaram que as atividades que realizam são propostas pelas superiores que, após reunião de discussão, propõe uma conversa com cada irmã e apresentam o trabalho escolhido de acordo com as necessidades da congregação, ponderando o conhecimento, capacidade e situação de cada irmã. É possível perceber nos relatos que negar o trabalho é algo aceito em casos de limitações como doenças, pois, a disposição em servir às necessidades da congregação passa pelo voto perpétuo de obediência ao qual todas estão sujeitas, o que vem de encontro com o Catecismo da Igreja Católica (cap.III, art. 9) quando dispõe que a vida consagrada se caracteriza pelos votos de obediência, pobreza e castidade. Desta forma, há o entendimento de que o trabalho não é imposto, porém, também há o reconhecimento de que ele deve ser aceito.

*“Eu tenho o direito do diálogo, mas como eu já... como a gente fala, pediu de joelho no dia da tua profissão que você estava disposta a obedecer, então não tem muita discussão sobre isso” (E1)*

O trabalho das freiras também não é fixo e nem estável. Todas as entrevistadas relataram já terem passado por mais de uma casa da congregação em cidades diferentes, atuando em funções diferentes e por períodos de tempo que podem variar de poucos anos até décadas. Esta dinâmica do trabalho da freira se aproxima da noção de carreira sem fronteiras apresentada por Sullivan e Arthur (2006) com mobilidades físicas e psicológicas, envolvendo deslocamentos geográficos e também diferentes experiências psicológicas. Dentre os trabalhos desenvolvidos atualmente pelas irmãs, estão atividades de brechó, limpeza, organização de capela, visita a presos, trabalhos paroquiais, funções de monitora de criança, superiora local, palestrante e motorista. E dentre as atividades já assumidas ao longo da trajetória estão o cuidado de crianças nos lares da congregação, funções de secretária, superiora local, superiora geral, enfermeira, professora, diretora, mestre de noviça, o que indica de fato a rotatividade e diversidade de funções. Neste sentido pode-se pensar na ideia de carreira subjetiva que não é limitada à instituição, no caso à congregação, mas expande-se para uma sequência de papéis desenvolvidos na trajetória das pessoas e sua interação com o mundo (HUGHES, 1937). Além disso, pode-se relacionar o conceito de carreira psicossocial no sentido de que existe uma interação entre o individual e o social, formando sínteses temporárias construídas nas práticas cotidianas de sua trajetória.

*“porque a gente não é fixa, nós não temos estabilidade” (E1)*

Com relação à mudanças sofridas no trabalho ao longo dos anos é possível perceber que as freiras percebem que atualmente o ritmo de trabalho está mais intenso e isso pode estar relacionado com as mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II, pois após o concílio, as congregações se abriram para obras de missão onde antes só existiam as obras de caridade. Isto vem de encontro a proposta do Concílio de os institutos avaliarem as condições atuais e irem ao encontro dos homens e das necessidades dos tempos (VATICANO, 1965), e reforçado no trabalho de Clark (2013) que diz a vida das freiras se tornou mais ativamente participante após o Concílio Vaticano II. Porém, essas mudanças também podem se associar com as mudanças da própria sociedade na visão das irmãs.

*“Á partir do Vaticano II a gente já começou a ir pra (uma casa de missão), foi pra periferia de (cidade) pra trabalhar com as comunidades, aí começou as casas de missão” (E6)*

*“acho que tá mais corrido, tá mais exigente a sociedade hoje, a sociedade exige um pouco mais nos trabalhos profissionais né” (E4)*

#### **Categoria 4: Carreira**

Com relação ao entendimento de carreira, as entrevistadas vêem a noção de carreira como sendo sempre vinculada a uma função profissional. Em alguns casos, houve uma aproximação do conceito de carreira com noção de vocação, entendendo que na carreira existe um caminho que deve ser seguido pela pessoa com determinação, propósito e de acordo com aquilo que é entendido como uma vocação capaz de realizá-la. Outros relatos, porém, separaram carreira de vocação afirmando que carreira é algo profissional e que pode ser mudado, enquanto a vocação é algo intrínseco que acompanha o indivíduo toda vida. Uma das entrevistadas entende carreira como promoção, trazendo a noção de carreira objetiva associada à promoção de cargos.

*“Acho que carreira é isso: é seguir bem o caminho que eu escolhi, até o fim, porque carreira é o caminho... é o caminho da fidelidade todo dia, aí eu vou fazer uma carreira, fazendo um caminho...”(E6)*

*“Se bem que parece que até meio que assemelha né, uma carreira bem vivida e tal, é uma vocação bem realizada, né?” (E5)*

*“Carreira é promoção, né? Eu entendo como uma promoção, hoje eu sou um empregado simples, amanhã eu já sou... vai subindo né?... carreira” (E2)*

Quando questionadas se a freira tem carreira, as entrevistadas se mostraram, no geral, relutantes em associar a trajetória da freira com carreira, pois carreira seria associada a uma profissão, enquanto que a trajetória da freira seria uma vida de

serviço a Deus sem pretensões de ganhos e de ascensão. Isto concorda com a noção apontada por Ribeiro (2009) de que a carreira é comumente associada somente à sequência de subida de cargos dentro de uma organização baseada em uma atuação profissional. Porém, em alguns relatos foi possível identificar a compreensão de carreira vinculada a uma trajetória vivida pela pessoa e associada a uma realização, o que se aproxima da noção de carreira subjetiva proposta por Hughes (1937).

*“então, não tem carreira na nossa vida, não tem carreira, porque hoje é geral, amanhã é uma irmã simples” (E2)*

*“eu acho que ser religiosa como carreira... só se for carreira pra Deus... acho que é carreira pra Deus” (E3)*

O significado de ser freira na vida das entrevistadas esteve associado à ideia de uma decisão de vida tomada, a um seguimento de caminho e também a noção de satisfação e felicidade, algo que dá sentido para a vida. Isto se relaciona com a noção trazida por Keohane e Balfe (2017) de que a freira possui uma qualidade de vocação que dá sentido à sua vida e também se aproxima da noção de carreira proteana de Hall (2004) quando fala da determinação de sucesso associado a fatores psicológicos e satisfação subjetiva.

*“na minha vida significa realização. Eu me sinto plenamente realizada, eu não tenho vontade de sair fazer outras coisas” (E6)*

*“Ser freira na minha vida é seguimento” (E4)*

*“Felicidade. Agradecimento a Deus de ter me dado essa vocação, eu fui feliz em todas as casas que eu morei... feliz” (E2)*

*“Olha é uma decisão que eu tomei na vida [...] podia ter tomada a decisão de não ser freira” (E1)*

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De maneira geral, foi possível notar que a decisão pela vida religiosa está associada ao entendimento de um chamado e de uma vocação, e esse entendimento é refletido na forma como as freiras interpretam sua trajetória. O processo para se tornar uma freira consagrada passa por cinco etapas de formação com duração média de nove anos durante os quais a irmã experimenta a vida religiosa e tem acesso a estudos e acompanhamentos. Com relação à figura da freira, as entrevistadas revelaram perceber que as pessoas criam expectativas de perfeição e santidade com relação às freiras, visão que não é compartilhada pelas próprias irmãs, que se veem como seres humanos sujeitos a falhas e limitações.

Acerca do trabalho realizado, as freiras podem assumir as mais diversas funções, inclusive atividades profissionais registradas fora do âmbito da congregação, porém, a freira não pode dissociar-se de seu ser religiosa, sendo



necessário cumprir a rotina da fraternidade e atuar como uma religiosa naquilo que a congregação determinar. Em todas as atividades também existe o entendimento de um propósito relacionado à sua vocação, ao seu chamado para o serviço a Deus, em primeiro lugar, sem haver pretensão de ascensão ou de benefícios próprios, reforçando os votos de obediência e pobreza. Por isso, as freiras não ficam com suas remunerações, destinadas ao caixa comum da congregação, e obedecem àquilo que as superiores propõem como atividade necessária a ser desempenhada. Na congregação também existem superiores responsáveis, mas não existe a noção de uma trajetória de ascensão de cargos.

Sobre carreira, as freiras demonstraram entender o conceito de carreira como sendo relacionado a uma atividade profissional. Algumas entrevistadas relacionaram a carreira como um caminho que envolve uma vocação, outras dissociaram a vocação da noção de carreira, e diante disso, as entrevistadas apresentaram certa resistência em assumir que a freira possui carreira, relacionando a atividade da freira como uma vocação e não uma profissão. Contudo, foi possível extrair que as freiras entendem o seu ser religioso como um caminho de seguimento da vocação. Desta forma, é possível concluir que a noção de carreira subjetiva pode ser aplicado a trajetória das freiras, pois não há a identificação de uma estrutura rígida com cargos a serem ocupados como na noção de carreira objetiva, mas existe o sentido atribuído às suas trajetórias e a todas as atividades que realizam, atrelado ao entendimento de uma vocação que é cumprida durante a trajetória em cada função desempenhada trazendo realização e sentido para a vida. Assim, nas diferentes funções exercidas, em diferentes locais, existe um entendimento de propósito da vocação, trazendo realização psicológica e atribuindo sentido na trajetória percorrida.

Com relação às limitações da pesquisa, pode-se dizer que o número de entrevistados apresenta certa restrição de número e diversidade devido a limitações de acesso aos sujeitos de pesquisa. Uma sugestão de futuros trabalhos é expandir esse estudo para freiras também de outras congregações, visto que como cada congregação possui uma linha de atuação, e os trabalhos realizados e o sentido atribuído à trajetória pode ser avaliado.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70, 1977.
- BROCK, M. Resisting the Catholic Church's notion of the nun as self-sacrificing woman. **Feminism & Psychology** v. 20 n. 4, 2010.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica vaticana. São Paulo, Edições Loyola, 2000.
- CLARK, M. R. The nuns and Vatican II: Pandora's box or goldmine? **Pacifica**, V. 26 n. 2, 2013.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Promulgado por João Paulo II. São Paulo, Edições Loyola, 2001.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEFILLIPPI, R. J.; ARTHUR, M. B. Robert J. The Boundaryless Career: A Competency- Based Perspective. **Journal of Organizational Behavior**, V. 15, n. 4, pp. 307-324, 1994.

- FERREIRA, M. A. A; DUTRA, J. S. Trajetória de carreira: a pessoa e a carreira em uma visão contextualista. **ReCaPe** Revista de Carreiras e Pessoas São Paulo. V.03 n.01, 2013.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974 .
- GROSSI, M. P. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. **Cad. Pesq. (73)**, São Paulo, pp. 48-58, 1990.
- HALL, D. T. The protean career: A quarter-century journey. **Journal of Vocational Behavior** V. 65, pp. 1–13, 2004.
- HALL, D. T.; CHANDLER, D. E. Psychological success: When the career is a calling. **Journal. Organiz. Behav.** V. 26, pp. 155–176, 2005
- HUGHES, E. C. Institutional Office and the Person. **American Journal of Sociology**, V. 43, N. 3, pp. 404-413, 1937.
- KEOHANE, K.; BALFE, M. The Nun Study and Alzheimer’s disease: Quality of vocation as a potential protective factor? **Dementia** 0(0), 2017.
- PEDROSO, Fr. J. C. C. **Mamã Cecília**. Piracicaba, Editora Degaspari, 2008.
- PIRES, J. A. “Ser mulher e Ser freira”: a vocação religiosa feminina em movimento. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**, Londrina, 2014.
- RÁDIO VATICANO. **Anuário Pontifício 2017 revela os dados da Igreja no mundo**. Abr. 2017. Disponível em:  
<[http://br.radiovaticana.va/news/2017/04/07/anu%C3%A1rio\\_pontif%C3%ADcio\\_2017\\_revela\\_os\\_dados\\_da\\_igreja\\_no\\_mundo/1304226](http://br.radiovaticana.va/news/2017/04/07/anu%C3%A1rio_pontif%C3%ADcio_2017_revela_os_dados_da_igreja_no_mundo/1304226)> Acesso em 06 out 2017.
- RÁDIO VATICANO. **Canonização de Madre Cecília de Piracicaba sob Análise do Vaticano**. Jan. 2016. Disponível em:  
<[http://br.radiovaticana.va/news/2016/01/14/canonizacao\\_madre\\_cecilia\\_segue\\_sob\\_analise\\_vaticano/1200990](http://br.radiovaticana.va/news/2016/01/14/canonizacao_madre_cecilia_segue_sob_analise_vaticano/1200990)> Acesso em 05 out 2017.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª Edição, São Paulo, Editora Atlas, 2012.
- RIBEIRO, M. A. A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 12, n. 2, pp. 203-216, 2009.
- RIBEIRO, M. A. Sistematização das principais narrativas produzidas sobre carreira na literatura especializada. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, V. 14, n. 2, pp.177-189, 2013.
- SULLIVAN, S. E.; ARTHUR, M. B. The evolution of the boundaryless career concept: Examining physical and psychological mobility. **Journal of Vocational Behavior** v.69, pp.19–29, 2006.
- SUPER, D. E. A Life-Span, Life-Space Approach to Career Development. **Journal of Vocational Behavior** v.16, pp.282-298, 1980.
- TRZEBIATOWSKA, M. Beyond compliance and resistance: Polish Catholic nuns negotiating femininity. **European Journal of Women’s Studies** V. 20 n. 2, 2013.
- VATICANO. **Decreto Perfectae Caritatis**. Sobre a Conveniente Renovação da Vida Religiosa. Out. 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_perfectae-caritatis\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html)> Acesso em 06 out 2017.